

Israel anuncia incursão por 'terra, ar e mar' a Gaza

CONFLITO NO ORIENTE MÉDIO

INVASÃO TERRESTRE

Campanha militar contra Hamas em Gaza será por 'ar, mar e terra', diz Exército de Israel

As Forças de Defesa de Israel anunciaram ontem o plano para uma "manobra terrestre" dentro da Faixa de Gaza, afirmando que ela "exigirá a entrada no centro" do enclave para que se alcance o objetivo de chegar aos integrantes do grupo terrorista islâmico Hamas, que matou mais de 1,3 mil pessoas e sequestrou outras 126 em Israel. A declaração foi a confirmação mais clara e pública sobre a esperada invasão por terra em Gaza, que vem sendo especulada desde os ataques em 7 de outubro.

Os batalhões e soldados do Exército israelense estão destacados por todo o país e preparados para aumentar a prontidão para as próximas fases da guerra, com ênfase em uma operação terrestre significativa", informou um comunicado divulgado ontem. Segundo a nota, detalhes operacionais da ofensiva ainda não foram definidos, e algumas avaliações estão sendo feitas junto ao governo de emergência e gabinete de guerra instalados na semana passada.

De qualquer forma, o anúncio aponta para uma ação extensa. Os militares falam na "implementação de um plano de ofensiva em larga escala, que inclui, entre outras coisas, um ataque integrado por ar, mar e terra". O comunicado confirma o que analistas anteciparam após o último israelense para que cerca de 1,1 milhão de pessoas deixasse o norte de Gaza para o sul.

O prazo inicial, que ia até a meia-noite de sábado (18h de sexta em Brasília), foi ampliado para às 16h (10h em Brasília). Ontem, o porta-voz militar Peter Lerner não estipulou um novo limite para a retirada, mas indicou que o prazo "foi mais uma vez ampliado porque é uma quantidade muito grande de pessoas que precisam sair". Enquanto não dá início à campanha por terra, Israel fez incursões pontuais no território, nas quais encontrou os corpos de alguns dos reféns sequestrados pelo Hamas, anunciou ontem.

A escalada da atividade militar — não apenas contra Gaza,

mas também contra alvos do Hezbollah no sul do Líbano e outros na Síria — acompanha a resposta irredutível no campo político. Mesmo diante dos apelos por moderação na resposta militar e de algum tipo de trégua aos civis do território palestino, o discurso das principais autoridades israelenses segue fechado ao direito de Israel em se defender e a necessidade de impor uma resposta dura à violência sem precedentes do Hamas. Ontem, Israel acusou o Hamas de obstruir a passagem segura dos residentes de Gaza para o sul.

'VAI CONTINUAR'

Em uma visita aos militares deslocados para a linha de frente, o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu voltou a sinalizar que o conflito será prolongado. Se na véspera o premier afirmou que os dias de bombardeio incessante, que mataram mais de 2,2 mil pessoas no enclave palestino,

eram "apenas o começo", ontem disse aos seus soldados que o conflito "vai continuar". — Vocês estão prontos para o que está por vir? Isso vai continuar — disse o premier que, em suas redes sociais, divulgou fotos vestidos com colete à prova de balas.

A tónica é a mesma no gabinete, que agora é composto por aliados e opositores do premier. O ministro de governo Gideon Sa'ar defendeu, em uma entrevista à TV israelense, que Gaza "precisa ficar menor ao fim da guerra" e que deve ser criada uma zona de segurança entre os dois territórios, no qual quem adiantar seja interceptado.

— Eles [palestinos] devem pagar o preço da derrota — disse. — Precisamos deixar o objetivo da nossa campanha claro para todos. Quem quer que comece uma guerra contra Israel precisa perder território.

A dimensão do impacto de uma invasão de Gaza por Israel

é difícil de estimar — para um lado e para o outro. Na última grande incursão por terra, em 2014, Israel perdeu dezenas de soldados no enclave. Desde o ataque do último sábado, 279 soldados foram mortos, segundo dados oficiais.

Para a população civil em Gaza, tanto uma operação militar quanto o reforço do cerco são um desafio. A ONU emitiu um alerta de que ao menos 2 milhões de pessoas estão sob risco de ficar sem água no enclave, que já sofre com escassez de combustível, essencial para o abastecimento elétrico. Segundo a Agência da ONU para Refugiados Palestinos (UNRWA, na sigla em inglês), as pessoas têm de recorrer à água suja de poços, aumentando o risco de doenças.

1 MILHÃO DE DESLOCADOS

"Temos-se uma questão de vida e morte. Combustíveis precisam ser entregues para disponibilizar água a 2 milhões

de pessoas", disse em um comunicado Philippe Lazzarini, comissário-geral da UNRWA, apontando que as três usinas de dessalinização de Gaza, que produzem 21 milhões de litros de água potável por dia, paralisaram as operações após ficar sem energia.

Quase 1 milhão de pessoas — ou cerca de metade dos 2,2 milhões de moradores locais — foram desalojadas desde que o conflito começou. Ontem, o chefe do maior hospital de Gaza alertou que 35 mil pessoas estão abrigadas na infraestrutura diante da expectativa da invasão terrestre.

As dezenas de milhares de famílias deslocadas estão amontoadas em escolas e hospitais no sul, enquanto outras se aglomeraram em casas de amigos e familiares.

Muitos mais estão dormindo nas ruas, mesmo enquanto os ataques aéreos israelenses, inclusive no sul de Gaza, continuam. Também en-

frentam dificuldades para encontrar comida.

Em meio a condenações internacionais ao modus operandi da resposta israelense, o Hamas aproveitou o cenário para denunciar crimes de guerra que estariam sendo praticados pelo Estado Judeu. Um dos líderes do braço político do Hamas, Ismail Haniyeh, afirmou que Israel havia decidido cometer crimes de guerra contra civis por sua incapacidade de derrotar os combatentes do grupo terrorista.

— Enfrentamos as consequências da derrota estratégica de Israel em 7 de outubro. Israel não conseguiu submeter nossos guerreiros, então passaram a cometer crimes de guerra contra civis com o apoio dos EUA e de vários países europeus — afirmou, segundo o jornal israelense Haaretz.

— Apoiamos a heroica resistência à ocupação, que deu o primeiro passo para a derrota da entidade sionista.



'Próxima fase'. Bola de fogo é vista no norte de Gaza após bombardeio israelense; invasão por terra deve aumentar crise humanitária em território, onde 2 milhões correm risco de ficar sem água

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Mundo Pagina: 18